

Violência contra a mulher no jornalismo paraibano: descaso, superficialidade e reforço de estereótipos¹

Maryanne Marques Gonçalves Paulino de Sousa²

Alessandra Clementino dos Santos³

José Pedro da Silva Júnior⁴

Ada Kesea Guedes Bezerra⁵

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O presente artigo é resultado de Projeto de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba intitulado: “Jornalismo, Gênero e Violência: um Estudo da Percepção e Representação da Mulher e da Pessoa Trans em Sites Paraibanos de Notícias”. O recorte trazido dará conta dos meses de março e abril de 2018, onde foram registrados um total de 33 casos de violência contra mulher, os quais repercutiram em 77 matérias publicadas nos sites Paraíba Online, Jornal da Paraíba, ClickPB, PBagora e Blog do Márcio Rangel. Como método de investigação utilizamos a Análise de Discurso como descrita por Orlandi (2009). Os resultados revelaram peculiaridades dos portais paraibanos como: falta de cuidado na apuração e construção das matérias; atenuação do gesto do agressor ou culpabilização da vítima e; responsabilização da mãe quando se tratam de casos de estupro infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Jornalismo Online; Representação social; Questões de Gênero; Violência

INTRODUÇÃO

Numa perspectiva sócio-histórica, as chamadas “ondas feministas” deram subsídios para que a condição da mulher na sociedade fosse sendo problematizada no espaço público. Um dos fenômenos decorrentes dessa atuação foi a ascensão de ONGs

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Participante do projeto. Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: maryannemgps@gmail.com

³ Participante do projeto. Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: ale.clementino.santos@gmail.com

⁴ Participante do projeto. Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jpsj.02@gmail.com

⁵ Orientadora do projeto. Professora do Curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: ada.guedes@gmail.com

feministas nos anos 90, que firmaram espaços na agenda social brasileira para a discussão, sobretudo, da violência contra a mulher. Apesar dos avanços no que se refere aos estudos de gênero, à luta por direitos, pela atenção das diferentes esferas da sociedade, bem como pelo espaço na agenda midiática, ainda vivemos uma realidade distante de um ideal de igualdade.

O Manual de Comunicação LGBT (2010) define gênero como um conceito formulado nos anos 70 para

distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, *a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura*. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (p. 11, grifos nossos)

Em termos de violência de gênero, a realidade da mulher nordestina se mostra preocupante, como revelam os dados da Secretaria de Segurança e da Defesa Social (Seds) da Paraíba. Segundo o levantamento da Seds, 20 mulheres foram assassinadas em território paraibano apenas nos primeiros 50 dias de 2018. Em comparação com 2017⁶, esse ano já fez quase um quarto de suas vítimas em pouco menos de dois meses. Dados de 2017 da pesquisa “Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher” do Instituto Maria da Penha, revelam que, em todo o Nordeste, 27% das mulheres com idade entre 15 e 49 anos já foram vítimas da violência doméstica praticada por maridos, companheiros ou namorados. João Pessoa foi a segunda capital com o maior índice de violência doméstica emocional (32,5%), ficando atrás apenas de Natal (34,8%), já o número de mulheres estuproadas dentro da própria residência é de 8,8% na capital paraibana.

Diante do cenário exposto, a visibilidade da temática na mídia se faz relevante, pois conforme agendamento e enquadramento dados aos conteúdos pelos meios de comunicação é possível contribuir para combater estes índices, mas também negligenciar ou mesmo reforçar seu aumento. Não se trata de buscar estabelecer uma relação simplista entre os altos índices de violência e o que é divulgado dentro do

⁶ Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 76 mulheres foram assassinadas na Paraíba no ano de 2017.

jornalismo, mas sim de apreender elementos discursivos que podem causar atribuições de sentidos de modo a promover a desigualdade entre os gêneros, desqualificando ou desconstruindo a representação social dos sujeitos. Segundo Breton e Proulx (2006, p.150), “a influência da mídia é sutil e pode ser exercida de várias maneiras, diretas ou indiretas, valorizando certos modelos ou papéis sociais, insistindo em certos estereótipos, sugerindo comportamentos socialmente aprovados etc.”

O presente artigo trata de um pequeno recorte do Projeto de Iniciação Científica “Jornalismo, Gênero e Violência: um estudo da percepção e representação da mulher e da pessoa *trans* em sites paraibanos de notícias” que vem sendo realizado por discentes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O projeto tem como finalidade analisar como a mulher e a pessoa *trans* são percebidas e representadas através do discurso jornalístico em matérias que envolvam violência divulgadas nos portais de notícia paraibanos *ClickPb*, *Blog do Márcio Rangel*, *Jornal da Paraíba*, *Paraíba Online* e *PBAgora*.

Nosso corpus de análise é composto por 32 casos de violência contra a mulher, os quais repercutiram em 77 matérias registradas durante os meses de março e abril de 2018. Como método utilizamos a Análise de Discurso como descrita por Orlandi (2009) na tentativa de compreender de que forma se deu a construção noticiosa em cima destes casos de violência, principalmente no que se refere ao tratamento dado às vítimas e aos suspeitos. Objetivamos, dessa maneira, perceber como as concepções sócio-históricas das relações de gênero influenciam e são influenciadas através do discurso jornalístico.

JORNALISMO COMO AGENTE ATIVO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E TIDO COMO ESFERA DE VERDADES

O jornalismo está presente na sociedade como uma ferramenta, agente social e histórico com a capacidade de produzir representações, sentidos de realidades e construtos mentais.

Afirmar a identidade de uma mídia jornal, em perspectiva comunicacional, implica reconhecer não apenas a existência de uma identidade para ela, como também a transforma em agente discursivo,

certamente capaz de reproduzir enunciados, mais dotada de autonomia para estabelecer condições particulares de enunciação, que organizam e dispõem de modo coerente outros discursos ao longo da variedade de suas edições e subdivisões (LEAL & CARVALHO, 2012. p. 85).

Para uma mídia jornalística exercer sua relação com o mundo e produzir sentidos para seus leitores, ela toma algumas estratégias que vão desde a disposição da notícia, passando por sua diagramação, estilo e qualidade, a fim de transmitir credibilidade e confiança ao público. Assim, as notícias são pensadas com o intuito de persuadir o leitor, levando-o a acreditar que o que foi veiculado é a realidade como tal, e não uma construção do jornalista a partir dela. E para que esse convencimento ocorra, segundo Leal e Carvalho (2012), é preciso que o leitor se familiarize com o veículo, num processo que, posteriormente com o hábito de consumo, os receptores se veem representados no jornal que elegem como seu a partir da postura e imagem (ou seja, a assinatura) que o jornal possui e transmite.

O jornal engendra um conjunto de procedimentos que visam ao seu enraizamento, tanto num local, numa realidade socioeconômica específica, como para e nos olhos de seu público. [...] se a notícia é o novo, o diferente, o jornal, ao contrário, é sempre o mesmo. Se o conteúdo da notícia, aparentemente, é estranho, sua forma narrativa e o jornal são significativamente familiares (LEAL & CARVALHO, 2012. p. 95).

Uma notícia não têm como público alvo apenas os consumidores de determinada mídia, mas também os próprios jornalista e jornais que trazem desdobramentos, novas perspectivas e opiniões de outros sobre o assunto e cobram dos envolvidos providências cabíveis, através do agendamento, quando um periódico pauta e orienta a ação dos demais. No levantamento, encontramos diversos casos desse tipo, onde os veículos repercutiram fatos e até mesmo republicaram notícias de outros portais, sem alterar muito do que foi dito ou trazer um novo olhar sobre o tema, mas ecoando, de forma errônea, a violência presente na Paraíba como prática corriqueira.

Embora haja notícias polifônicas, que trazem diversos atores, Leal e Carvalho (2012) ressaltam o cuidado em defini-las dessa forma. Isso porque há “[...] situações em que as mídias jornalísticas não demonstram interesse em dar voz à diversidade de atores

sociais, privilegiando este ou aquele de maior poder ou afinidade ideológica”, afirmando uma única voz e se fazendo perceptível o posicionamento do narrador jornalístico. Por outro lado, trazer muitos personagens numa matéria, nem sempre se configura em polifonia.

Ao perguntar com quem a mídia jornalística fala e por que, depara-se com sua própria percepção como operador jornalístico e comunicacional. [...] a voz da mídia jornalística, menos que sobre temas ou assuntos específicos – como na notícia – parece surgir, revelando-a como sujeito em comunicação (LEAL & CARVALHO, 2012, p. 100 e 101).

A expressão “sujeito semiótico”, de Erick Landowski (1992, apud LEAL & CARVALHO, 2012, p. 100), “designa tanto o fato de as mídias jornalísticas terem identidade, serem atores no cotidiano, na relação com suas fontes e seus receptores e com outras instituições sociais, como também a natureza dessa existência e de sua ação.” Landowski diz que esse “sujeito semiótico” nasce clivado na superposição de duas instâncias: a do tempo contado das narrativas e o tempo da enunciação e da recepção do seu discurso. Apesar da complexidade e da performatividade em torno da identidade de uma mídia jornalística, é possível verificar traços permanentes que não constituem uma unicidade, uma identidade estável, mas mostram posições que certos periódicos assumem em meio às redes discursivas que perpassam acontecimentos e campos problemáticos, assumindo então um caráter narrativo. Posições essas que podem ser contraditórias até mesmo dentro da própria mídia jornalística ao tratar uma notícia de forma coerente e no dia seguinte cometer erros ao reportar um mesmo assunto de forma inadequada.

As mídias jornalísticas surgem como seres alheios a si mesmo, ora esquecidos do que disseram, ora “distraídos” do que afirmam. A condição de “estrangeiro para si mesmo” faz com que o “o jornal” configure-se como um agente submetido às ações dos outros e ainda assim inevitavelmente impelido a agir. Esse outro, seja ele interno ou externo, exige que sua identidade não possa mesmo ser confundida com o discurso que faz de si, com o modo como vê a si mesmo, ou ainda com uma condição essencial, permanente, a-histórica (LEAL & CARVALHO, 2012, p. 112-113).

Segundo a americana Barbie Zelizer (2000, apud LEAL & CARVALHO, 2012, p. 114), os jornalistas em suas trocas cotidianas, nos seus contratos interpessoais que marcam seu dia-a-dia como profissionais, desenvolvem tanto um discurso sobre si quanto sobre os acontecimentos que constituem a base de seu trabalho, discurso que estabelece padrões de comunidade, autoridade e memória que permitem a percepção de pertencimento a uma profissão, de partilha de uma identidade e de valores, posições e concepções ali constituídas. Embora, ao falar de “comunidade interpretativa” seu foco seja os jornalistas, Leal e Carvalho (2012) afirmam que é possível alargar o conceito para observar que a sobrevivência do jornalismo depende dessa difusão entre os que o consomem, sendo assim, os leitores:

[...] ao consumirem os produtos jornalísticos, passam a integrar a comunidade interpretativa, apresentando-se tanto como interlocutores, quanto avaliadores e ainda como portadores de uma memória dos seus momentos marcantes e acerca do que seria bom ou mau jornalismo, uma notícia sensacionalista melodramática, usual ou divertida etc (LEAL & CARVALHO, 2012, p.116).

Ou seja, como membros da comunidade interpretativa, as mídias jornalísticas constituem-se “como sujeitos que oferecem uns aos outros e aos demais integrantes, interpretações, acontecimentos, valores que configuram imagens acerca do jornalismo e do mundo.” (LEAL & CARVALHO, 2012).

DOMINAÇÃO MASCULINA

Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (2010), os homens e as mulheres são moldados em construção social, num processo histórico, de acordo com o seu gênero e estão relacionados ao *habitus*, o princípio unificador de práticas incorporado e reproduzido pelos homens e pelas instituições — família, escola, igreja, grupos sociais, etc. Ele acontece sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares, que faz do corpo um depositário dos princípios de visão e divisão sexualizantes das coisas entre masculinas e femininas. A primeira ligada às práticas mais espetaculares, perigosas e que requerem força; e a segunda, às atividades domésticas e ocultas, tidas como

“vergonhosas”, as quais as mulheres devem aceitar e deixar aparente para a sociedade sua “identidade minoritária”.

A divisão entre os sexos parece, então, estar inscrita “na ordem das coisas”, ser natural. No entanto, faz parte de uma construção social moldada e destinada a instituir a naturalização da dominação dos homens sobre as mulheres, legitimada através da sociedade, que discrimina e legitima um valor cultural e ideológico.

A força particular da sociedade masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que, é por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 2010, p.33).

Ambos os gêneros são produtos do trabalho de uma construção social teórica e prática, e a eles são impostos uma definição diferencial do uso dos corpos, que tende a excluir do universo do pensável e factível de um gênero tudo que é caracterizado como pertencente ao outro. Inscrita nas coisas, a ordem masculina também se inscreve nos corpos, através de injunções implícitas nas formas de se vestir, se comportar, de falar, e também na divisão do trabalho ou rituais coletivos ou privados.

Todas as ações são moldadas conforme a “ordem física e social inteiramente organizada segundo o princípio de divisão androcêntrica⁷” (BOURDIEU, 2010, p.34). Dessa forma, essa lógica dominante impõe todas as propriedades negativas a natureza feminina, e exclui as mulheres de lugares e trabalhos tidos como masculinos. Ou seja, ela destaca os signos exteriores às mulheres, conforme a definição social, e estimula ou desencoraja certas condutas de acordo com seu sexo.

À elas, cabe viver de acordo com os “princípios femininos”, o que a sociedade espera delas: ter boa conduta, usar roupas “comportadas”, ser dócil, esposa, mãe de família, entre outras características. A isso Bourdieu (2010, p. 39) chama de confinamento simbólico, uma espécie de cerco invisível, que limita “o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo - enquanto os homens tomam maior

⁷ Segundo o sociólogo americano Lester F. Ward, criador do termo, o androcentrismo se refere a propensão de valorizar o ponto de vista masculino e tomá-lo como universal, em considerar o homem como foco da análise do todo. Para ele, está intimamente ligado à noção de patriarcado.

lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos”. A aprendizagem dessas posturas femininas é ainda mais eficaz porque se impõe através de uma disciplina incessante e que se exerce continuamente por meio de coação.

As mulheres se encontram, então, envolvidas em relações de poder e seus esquemas de pensamento que se expressam nas oposições da ordem simbólica, tendo apenas crença de que não tem que se pensar. A isso, chama-se “violência simbólica”, uma forma de poder que exerce como que por magia, sem qualquer coação física, se proliferando apenas no inconsciente dos seres, com pensamentos legitimados através de discursos, e que é usado para manter viva a imposição da dominação.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumento de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural. (BOURDIEU, 2010, p.47)

Apesar de se proliferar no inconsciente dos indivíduos, ela produz efeitos reais e conscientes, que promovem uma relação de conhecimento profundamente indecifrável a si mesmo. Isto faz com que algumas pessoas não só não questionem essas práticas como também as naturalizem, a exemplo do comportamento submisso da mulher.

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que exerce através deles não significa dar argumentos para ratificar a violência e culpabilizar as mulheres por sua própria opressão, como a sociedade faz. A lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, “que pode ser ao mesmo tempo e sem contradição, *espontânea e extorquida*” (BOURDIEU, 2010, p. 50) (grifos do autor), só pode ser compreendida estando atento aos efeitos e disposições que a ordem social exerce sobre as mulheres. As “tendências à submissão” são resultantes de estruturas objetivas e cognitivas e seus mecanismos que contribuem com eficácia para contribuir para sua reprodução.

Assim se percebe que essa construção prática, longe de ser um ato intelectual consciente, livre, deliberado de um “sujeito” isolado, é, ela própria, resultante de um poder inscrito duradouramente no corpo dos dominados sob forma de esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar, etc) que o tornam *sensível* a certas

manifestações simbólicas do poder. (BOURDIEU, 2010, p. 52-53)
(grifo do autor)

Bourdieu também argumenta que a violência simbólica não é unilateral, ou seja, os homens também são afetados por essa lógica e são prisioneiros dela, a medida em que eles têm que se mostrar viris, machos e não afeminados, ter posturas, falas e ações que a sociedade espera dele. “Ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma virtus, que se impõe sob a forma do “é evidente por si mesma”, sem discussão. ” (BOURDIEU, 2010, p. 63)

Isso acaba sendo um ciclo e reforçando a ideia da dominação, acontecendo não só através da violência simbólica, já citada, como também por vários outros tipos de violência, entre elas a física, como na maioria dos casos que trouxemos para esse artigo.

Com tudo isso, é possível perceber que enquanto o mundo social constrói os corpos enquanto realidade de divisão entre os sexos, a ordem social funciona como uma máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina em todos os setores em que se alicerça. Tal dominação está de tal maneira ancorada no inconsciente que, muitas vezes, não é mais perceptível.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS PORTAIS PARAIBANOS

O corpus de análise do trabalho é composto por 33 casos de violência contra a mulher, os quais repercutiram em 77 matérias registradas durante os meses de março e abril de 2018 nos portais de notícia paraibanos ClickPb, Blog do Márcio Rangel, Jornal da Paraíba, Paraíba Online e PBAgora. Optamos como método de estudo pela Análise de Discurso que busca analisar a língua enquanto trabalho simbólico, na sua produção de sentido e não somente comunicando uma determinada mensagem, ou seja, o objeto é o próprio discurso que é tratado pela AD como o espaço onde se pode perceber a “relação entre língua e ideologia” (ORLANDI, 2009, p.17), uma ação que acaba por gerar e reforçar significados constitutivos do homem e de sua história.

Nosso trabalho enquanto analistas foi perceber o material empírico aqui observado, as matérias que tratam de violência contra a mulher enquanto um discurso, fruto de uma construção sócio-histórica e, porque não dizer, subjetiva. De acordo com Orlandi (2009, p.19), o discurso possui duas características relevantes: primeiro,

ultrapassa o esquema primário da comunicação - emissor, receptor, código e mensagem - e sua linearidade imediata, se constituindo enquanto “processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.”; segundo, é necessário considerar as condições de produção (o lugar historicamente delegado aos sujeitos reportados na mensagem e a forma como a sociedade incorpora esses lugares) e as circunstâncias da enunciação (o contexto, o cenário imediato, no caso, o conteúdo noticioso apreendido como jornalismo enquanto campo detentor da verdade).

Dos 33 casos analisados (15 referentes ao mês de março e 18 ao mês de abril), 09 são relacionados a estupro infantil, repercutidos num total de 30 matérias entre 77 registradas, aproximadamente 39% do nosso corpus de análise. As notícias selecionadas foram retiradas da editoria “Policial” dos portais, com exceção do *Jornal da Paraíba* que substitui o termo “Policial” por “Vida Urbana”. As matérias são, muitas vezes, pobres em informação, poucas linhas que conseguem apenas dar conta do crime em si e das relações afetivas que existem/existiam entre os envolvidos no fato, como na matéria “Mulher é esfaqueada em CG; suspeito é o companheiro”⁸ do Pb Agora:

Uma mulher deu entrada no Hospital de Trauma, de Campina Grande, no início da tarde desta segunda-feira (19) vítima de esfaqueamento. Segundo a polícia, o suspeito de praticar o crime é o companheiro da vítima.

Mais informações em instantes.
(transcrição completa da matéria)

Assim como o Pb Agora, os outros portais analisados optam por pontuar a violência contra a mulher através de um local relativamente “seguro”, com as respostas - ainda que de modo insatisfatório - às perguntas básicas do *lead* jornalístico (o quê, quem, como, quando, onde e por que), mas sem explorar a possibilidade de um aprofundamento na temática. Além disso, é comum a prática de replicar as matérias, nos mesmos termos, tal como está escrito, de outros sites de notícia e também entre os próprios portais analisados. Dessa maneira, a falta de cuidado na construção do texto noticioso se torna evidente, como na matéria “Mulher é alvejada a tiros pelo marido na

⁸ Disponível em <http://www2.pbagora.com.br/noticia/Policial/20180319130304/mulher-e-esfaqueada-em-cg-suspeito-e-o-companheiro> . Acesso em 19.05.2018.

zona rural de Bom Sucesso”⁹ do *PbAgora* do dia 17/03, que traz as mesmas informações, de maneiras diferentes, em seus dois primeiros parágrafos:

Uma mulher foi alvejada com dois disparos de arma de fogo, na cabeça, na madrugada deste sábado, na na Zona Rural de Bom Sucesso, Sertão da Paraíba e o marido é o principal suspeito. A vítima identificada apenas com sendo Tainá foi atingida por dois tiros na cabeça. O principal Suspeito do crime é o Marido da mesma.

Ainda sobre a construção do texto, percebemos falhas de apuração que acabam gerando contradições de um portal para o outro e até dentro do mesmo portal, como em um caso de estupro infantil publicado nos dias 10 e 11 de abril. No dia 10, a matéria “Suspeito de estuprar criança de 10 anos em Alhandra é queimado vivo”¹⁰ do *Pb Agora* diz que, “O corpo do rapaz estava queimado e, segundo o policial, trata-se do acusado de estuprar uma menina de 10 anos no dia anterior no município.” Já no dia seguinte, 11, o mesmo portal afirma que “Ele [o estuprador] está foragido”¹¹.” As informações não batem. Houve uma falha de apuração? De comunicação entre a equipe do portal? Ou a população teria praticado um crime contra um inocente? Em qualquer das hipóteses, o portal não deixa claro para os seus leitores e ainda informa o nome completo e a idade do suposto suspeito assassinado.

⁹ Disponível em

<<http://www2.pbagora.com.br/noticia/Policial/20180317110348/mulher-e-alvejada-a-tiros-pelo-marido-na-zona-rural-de-bom-sucesso>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁰ Disponível em

<<http://www2.pbagora.com.br/noticia/Policial/20180410130720/suspeito-de-estuprar-crianca-de-10-anos-em-alhandra-e-queimado-vivo>>. Acesso em 19.05.2018.

¹¹ Disponível em

<<http://www2.pbagora.com.br/noticia/Policial/20180411134229/apos-cirurgia-menina-estuprada-segue-internada-e-s-em-previsao-de-alta>>. Acesso em 19.05.2018.

Expressões como “depois de uma discussão entre o casal”¹², “depois de uma discussão”¹³, “durante uma discussão entre o casal”¹⁴ e “em meio ao bate-boca”¹⁵, são utilizadas para minimizar os atos do agressor e também naturalizar o crime.

Identificamos ainda uma falta de empatia dos portais para com essas mulheres que foram vítimas de algum tipo de violência, como demonstra o trecho da notícia publicada no dia 16/04 pelo *ClickPb*: “Uma estudante de apenas 13 anos de idade passou por *maus momentos* ao ser vítima de um sequestro seguido de estupro.”¹⁶ [grifos nossos]

Em um caso de estupro infantil publicado no dia 27 e 28 de março, o *ClickPb* e o *PbAgora* focam apenas no depoimento da mãe da criança, como se ela fosse a única responsável: “Em depoimento, *a mãe disse ao delegado* que acreditava que as lesões teriam sido causadas por uma queda”¹⁷, “A mãe da menor foi chamada para prestar depoimento e disse que a menina havia sofrido uma queda e que esse era o motivo do ferimento, mas o delegado não acreditou na versão”¹⁸. Em contraposição com o *Jornal da Paraíba* e o *Blog do Márcio Rangel*, respectivamente: “Os pais já foram ouvidos, mas até o momento não há nenhuma informação suspeita”¹⁹, “De acordo com o

¹² Matéria do ClickPb “Mulher baleada na cabeça pelo marido morre no Trauma de Campina Grande” do dia 20.03. Tainar Cristina Felix de Oliveira, de 25 anos, foi atingida por dois tiros na cabeça. Disponível em <<https://www.clickpb.com.br/policial/mulher-baleada-na-cabeca-pelo-marido-morre-no-trauma-de-campina-grande-237164.html>>. Acesso em 19.05.2018.

¹³ Matéria do Paraíba Online “Dois homens são presos acusados de violência doméstica” do dia 09.04. A vítima foi ameaçada com uma faca peixeira. Disponível em <<https://paraibaonline.com.br/2018/04/dois-homens-sao-presos-acusados-de-violencia-domestica/>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁴ Matéria do Paraíba Online “Homem é preso acusado de agredir esposa com paralelepípedo em Campina” do dia 07.03. A vítima, de 27 anos, foi atingida com uma pedrada na cabeça. Disponível em <<https://paraibaonline.com.br/2018/03/homem-e-preso-acusado-de-agredir-esposa-com-paralelepipedo-em-campina/>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁵ Matéria do ClickPb “Homem tenta executar companheira a golpes de faca na Capital” do dia 30.04. A vítima foi atingida por vários golpes de faca. Disponível em <<https://www.clickpb.com.br/policial/homem-tenta-executar-companheira-golpes-de-faca-na-capital-239271.html>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁶ Disponível em <<https://www.clickpb.com.br/policial/estudante-de-13-anos-e-sequestrada-em-parada-de-onibus-e-estuprada-em-matagal-na-pb-238539.html>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁷ Disponível em <<https://www.clickpb.com.br/policial/menina-de-2-anos-e-vitima-de-estupros-no-sertao-da-paraiba-237505.html>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁸ Disponível em <<http://www2.pbagora.com.br/noticia/Policial/20180327074903/em-santana-de-mangueira-crianca-de-2-anos-e-vitima-de-varios-estupros>>. Acesso em 19.05.2018.

¹⁹ Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/policia-investiga-suspeita-de-estupro-de-crianca-de-dois-anos-em-cidade-sertao.html>. Acesso em 19.05.2018.

delegado Antônio Neto, que acompanha o caso, *os pais da criança já foram ouvidos, mas até o momento não há informações sobre suspeitos*²⁰ [grifos nossos].

Outra situação identificada é a agressão a terceiros, próximos a mulher, para atingi-la de forma indireta, como na matéria “Homem é preso acusado de pisotear criança de um ano e agredir enteada”²¹, veiculada no *ClickPB* em 19/03:

De acordo com a mãe da criança, seu padrasto chegou embriagado na residência onde eles moram, no Conjunto Vera Cruz, e começou a ofender ela e a sua mãe com palavras de baixo calão. No momento em que ele ia pegar um eletrodoméstico para quebrar, pisoteou a criança e, para defender a filha, ela se agarrou com o agressor. O acusado segurou a enteada pelos cabelos e só soltou diante dos apelos da esposa, que é mãe da vítima e avó da criança. Ainda assim, o acusado fez ameaças de morte contra a enteada, chegando a se dirigir para a cozinha para pegar uma faca, tendo sido impedido pela esposa.

O *PbAgora*, tratando sobre o mesmo caso, “Preso em briga doméstica, homem é suspeito de pisotear bebê”²², do dia 19/03, compara a agressão feita contra a mulher com a realizada contra o bebê de 1 ano “*o fato mais grave é que, de acordo com testemunhas, o agressor teria ainda pisoteado a filha da vítima, um bebê com apenas 1 ano de idade*”. [grifos nossos]

Muitas dessas ações de violência contra outras pessoas são motivadas pelo sentimento de posse que o homem sente sobre a mulher, não aceitando o fim do relacionamento, como no caso “Policia investiga se assassinato de mulher foi por conta de dívida da filha na PB”²³ publicado no dia 03/04 no *ClickPb*:

A filha dela [da vítima] era garota de programa e estava em São Paulo. Ela teve um relacionamento com o homem que foi preso e teria pedido dinheiro a ele para voltar para Patos, no ano passado. *Ele acreditava que quando ela voltasse eles iriam ficar juntos, mas ela começou outro relacionamento. O homem começou a fazer ameaças e a mãe disse que iria pagar a dívida, mas não pagou. Ele decidiu matar a mãe para atingir a filha*”, detalhou o delegado. [Grifos nossos]

²⁰ Disponível em

<<http://www.blogdomarciorangel.com.br/2018/03/policia-investiga-suspeita-de-estupro-de-crianca-de-dois-anos-no-ertao.html>>. Acesso em 19.05.2018.

²¹ Disponível em

<<https://www.clickpb.com.br/policial/homem-e-presos-acusado-de-pisotear-crianca-de-um-ano-e-agredir-enteada-237125.html>>. Acesso em 19.05.2018.

²² Disponível em

<<http://www2.pbagora.com.br/noticia/Policial/20180319155326/preso-em-briga-domestica-homem-e-suspeito-de-pisotear-bebe>>. Acesso em 19.05.2018.

²³ Disponível em

<<https://www.clickpb.com.br/policial/policia-investiga-se-assassinato-de-mulher-foi-por-conta-de-divida-da-filha-na-pb-237847.html>>. Acesso em 19.05.2018.

Há também distinção no tratamento dos acusados de violência quando estes são de uma classe social mais elevada ou sua profissão é vista como de grande responsabilidade social, como no caso da matéria “Acusados de violência sexual e tentativa de homicídio, policiais são expulsos da PM da PB”²⁴, veiculada no *Jornal da Paraíba*, em 10/04. Um dos casos se refere a um policial acusado de violência sexual contra mulheres:

O primeiro caso de exclusão foi do soldado César René Rodriguez Alexandre. Segundo o comando da PM, ficou constatado que ele teve “comportamentos intencionais carregados de imoralidade e antiéticos numa tendência clara e manifesta de cometer violência sexual contra mulheres, inclusive chegando ao ponto de atingir a liberdade sexual das suas vítimas”. A portaria destaca que o soldado “demonstra ser incapaz de permanecer nos quadros desta corporação”.

A matéria é exclusivamente pautada na portaria que determinou a expulsão dos policiais, não explorando o(s) caso(s) de violência. E, para além da violência, a própria profissão dele é vista como exclusivamente masculina e, muitas vezes, como legitimadora do uso da força, “masculinidade” e machismo que a permeia.

As mídias pesquisadas e estudadas neste artigo tornam visíveis a violência contra mulheres, mas, em contrapartida, poucos são os casos em que os jornalistas tentam sair do senso comum, o que acaba promovendo silenciamentos, invisibilidades, preconceitos e valores que perpetuam a ideia de dominação dos homens sobre as mulheres, partindo sempre do vazio da violência para retratar o feminicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos esforços em prol da igualdade de gênero, ainda é comum a produção de conteúdos noticiosos sem o tratamento e abordagem apropriados, ficando distantes do que regem os manuais sobre gênero e a ética jornalística. O que torna a temática importante de ser debatida, não apenas no meio acadêmico, como também dentro das próprias redações. Partimos da ideia de Breton e Proulx (2006) de que, na

²⁴ Disponível em http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/acusados-de-violencia-sexual-e-tentativa-de-homicidio-policiais-sa-o-expulsos-da-pm-da-pb.html>. Acesso em 19.05.2018.

contemporaneidade, o jornalismo ocupa um papel importante na esfera pública que vai além da emissão de conteúdos, atuando também na construção social da realidade. E, se a mídia exerce influência sobre as pessoas, pode tanto valorizar e reforçar papéis sociais e estereótipos, como também pode colaborar para a erradicação dos mesmos e da violência contra a mulher.

Os casos pontuados, noticiados pelos cinco portais paraibanos pesquisados, poderiam aparentar, inicialmente, uma preocupação dos mesmos em mostrar esta realidade, de agressão à mulher, recorrente na Paraíba. No entanto, uma análise do discurso dos portais, feito através das notícias, permite perceber o descaso com a apuração; a superficialidade das matérias; além da reprodução de estereótipos que reforçam o machismo, a ideia de dominação masculina (poder do homem sobre a mulher), a culpabilização da vítima e, conseqüentemente, a naturalização de agressões. O descaso e a falta de tratamento e abordagens adequadas e profundas sobre o tema não condizem com a ética inerente ao exercício do jornalismo, podendo forjar um desequilíbrio nas relações de gênero e ainda incitar ou ratificar a violência. Portanto, pensar a atividade jornalística pressupõe considerar a responsabilidade e o papel desta prática na construção social da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de Comunicação LGBT**. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.) [Curitiba]: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010.

AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos. **Mulheres em Pauta – Gênero e violência na agenda midiática**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. - 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2006.

CARVALHO, Carlos Alberto de; LEAL, Bruno Souza. **Jornalismo e Homofobia No Brasil - Mapeamento e Reflexões**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FRANÇA, Fabiane Freire; SASSO, Andrea Geraldi; SANTOS, Paula Vidal dos; SANTOS, Renata; GLOOR, Viviane Cristina Ferreira. **Educação e Gênero: Relatos de experiências**

sobre pesquisa de Iniciação Científica. Disponível em:

<http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/ped/trabscompletos/ped04509337922.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

Sites Analisados

www.blogdomarciorangel.com.br

www.clickpb.com.br

www.jornaldaparaiba.com.br

www.paraibaonline.com.br

www.pbagora.com.br